

Economia

O salto da economia em abril

■ Fábricas produzem 3,5% a mais e atingem os níveis de dois anos atrás, quando o governo adotou medidas para conter o consumo

SONIA JOIA

A produção industrial cresceu 3,5% de março para abril, atingindo seu nível mais alto desde abril de 1995, época em que o governo adotou uma série de medidas para limitar o acesso ao crédito para conter o crescimento da economia. Em relação a abril de 1996, um mês com fraco desempenho, o salto foi de 7,9%. Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“O resultado foi surpreendente, mas foi influenciado pelo recorde atingido pela produção de automóveis (11,2%). Além disso, a Semana Santa este ano caiu em março, o que aumentou os dias úteis de abril, gerando um efeito estatístico”, afirmou o chefe do Departamento de Indústria do IBGE, Sílvio Sales.

O salto já havia sido percebido pelo indicador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que apontou crescimento de mais de 8% da produção industrial em abril, também puxado pela produção de veículos.

Peso — Como é calculado apenas com base em alguns segmentos de grande peso na economia, como automóveis, papel e papelão e consumo de óleo diesel, este indicador não é preciso, sendo usado apenas para mostrar uma tendência.

Os bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos, móveis, etc) lideraram o crescimento, com um salto de 10,5% no período. Logo atrás vieram os bens de capital (máquinas e equipamentos), com 9,9%, seguidos pelos bens de consumo não duráveis (alimentos, bebidas, etc), com 7,3%. Dos segmentos industriais, os destaques foram indústrias de bebidas (21,4%), mobiliário (15,1%) e madeira (13,2%).

Quando se examina o acumulado nos quatro primeiros meses do ano, a produção industrial ainda está 0,8% abaixo do último quadrimestre de 1996. Isso indica uma acomodação, segundo o economista. Se esse nível de produção for mantido ao longo do ano, o Produto Interno Bruto (PIB) industrial crescerá de 2,5% a 3% em 1997. O cálculo é feito supondo um crescimento de 5% no primeiro semestre e de zero a 1% no segundo semestre, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Isso significa, segundo Sales, que o PIB do país, o total de bens e serviços produzidos, crescerá mais que no ano passado (2,9%), porque a área agrícola e de serviços promete dar grandes saltos este ano. As projeções do governo, de 3,5% a 4% são bastante viáveis, segundo o economista, se

não forem adotadas medidas de esfriamento da economia para frear as importações.

Destaques — No acumulado do quadrimestre, o destaque continua a ser o setor de bens duráveis, cuja produção elevou-se em 14,9% em relação ao período janeiro-abril do ano passado. As vendas industriais de videocassete cresceram 58,5%; as de máquina de lavar, 27,4%; as de geladeiras, 20,2% e as de TVs, 17,8%. No mesmo período, a produção industrial cresceu 5,5%.

“Este é o único setor que cresce sem parar desde 92 e que poderia justificar a adoção de medidas de contenção de consumo”, avalia Sales. Os saltos na produção de duráveis este ano se somam a um crescimento acumulado de 89% de 92 até o fim de 96.

O fôlego do consumo de bens duráveis tem surpreendido os analistas, que vêm prevendo há meses uma desaceleração natural devido ao aumento do endividamento das famílias. A inadimplência realmente tem crescido, mas a procura por bens como geladeiras e TVs continua firme. “Isso pode ser fruto de anos de demanda reprimida, que agora tem como se expandir com o acesso ao crédito e a manutenção do poder de compra com a queda da inflação. Além disso, os preços no setor têm tido uma tendência declinante, em função da competição e do aumento da importação de insumos e componentes”.

O mês de maio não repetirá o desempenho de abril, segundo o economista. A expectativa é que haja uma estabilização ou mesmo uma queda da produção industrial. Isso está sendo sinalizado pelos dados de comércio e pelos números das montadoras. “O comércio esperava um Dia das Mães excepcional e ele foi fraco. Com estoques altos, está reduzindo compras da indústria”, disse.

□ A indústria paulista voltou a contratar. Pesquisa divulgada ontem pela Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) aponta que em maio foram criados 557 novos postos de trabalho. Este desempenho, contudo, é insuficiente para inverter o nível de desemprego industrial no estado, que causou o fechamento de 36.300 empregos. A pesquisa mostra ainda que no período maio-97/abril-96 as fábricas instaladas no estado demitiram 102.700 trabalhadores. Dentre os 47 setores pesquisados, a maioria (26) apresentou desempenho positivo, enquanto sete mostraram estabilidade e outros 14 demitiram funcionários.